

A MINEIRIDADE COMO ARTEFATO EM DISCURSOS POLÍTICOS

THE IDENTITY OF MINAS GERAIS AS AN ARTIFACT IN POLITICAL DISCOURSES

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-019>

Henrique Petrucci Marques

Mestrando em História (UNIMONTES)
 Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
 E-mail: hpetruccimarques@gmail.com
 LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5719944815331408>

RESUMO

Este trabalho preocupa-se em analisar a utilização de elementos e simbologias favoráveis para expressar a mineiridade em atuações políticas. Conceituando a atividade política como um fenômeno cultural e identitário, buscou-se delinear uma acareação entre a formulação de identidades dentro da prática política e o processo de percepção da mineiridade em apreço. Pretendeu-se aprofundar nos conhecimentos sobre conexões identitárias e grupos sociais imaginados por Stuart Hall conjuntamente com as reflexões referentes a mineiridade como formuladoras de identificações, na tentativa de elaboração de um período temporal e espacial próprio.

Palavras-chave: Identidade; Imaginário social; Minas Gerais; Mineiridade.

ABSTRACT

This workseeks to analyze the use of favorable elements and symbols toexpress Minas Gerais identity in political actions. Conceptualizing political activityas a cultural and identity phenomenon, we sought to outline a comparison betweenthe formulation of identities within political practice and the process ofperception of Minas Gerais identity under consideration. The aim was to deepen knowledgeabout identity connections and social groups imagined by Stuart Hall, together with reflections on mineiridade as a formulator ofidentifications, in an attempt to elaborate a temporal and spatial periodof its own.

Keywords: Identity; Social imagery; Minas Gerais; Mineiridade.



1 INTRODUÇÃO

Com uma dimensão territorial que supera a de vários países, faz-se interessante que coexista uma similitude, uma regularidade sobre o que é ser mineiro, o que se faz possível comprovar por meio de uma construção cultural de formação identitária, que traz fortemente consigo uma ideia de pertencimento.

Existem variados estudos historiográficos interessantes produzidos acerca de Minas Gerais com uma objetivação em proferir particularidades que delimitem o que é ser mineiro, com especificidades em aspectos e atributos próprios, histórica e socialmente apresentados como elementos de uma dada identidade regional.

Minas Gerais traz consigo uma marca muito forte do século XVIII e o sonho da liberdade, a voz da Inconfidência Mineira alicerçada fortemente na representatividade de Tiradentes, percebido como defensor da república, do ideal revolucionário, da democracia. Para Reis (2007), “com o tempo inconfidente, Minas passou a representar a resistência à opressão, tornou-se solo onde se enraizava o sonho republicano brasileiro”.

Para o pesquisador britânico-jamaicano Stuart Hall, em seu *livro A identidade Cultural na Pós-modernidade*, em uma obra lançada em 2006, este afirma que não devemos perceber a identidade como algo finalizado, mas sim como um processo em andamento. Acredita-se que ele defendia a identidade é estruturada ao longo do tempo, de forma inconsciente.

As representações identitárias em um contexto coletivo, por mais complexas que possam ser, segundo Hall (2006), nos auxiliam em localizar o ser humano em um tempo espaço-específico e em uma cultura própria.

Como muito bem diz Araújo (1974), “são tantas Minas e, contudo, uma (...) o território mineiro é plural e heterogêneo; não há um “povo mineiro”, mas “povos mineiros”. Assim, minas é percebida como referência de inclusões sociais, daquilo que é compartilhado de forma ritualística como um costume regional.

Talvez o primeiro registro documental do termo “mineiridade” seja originário de Gilberto Freyre, quando em 1946 o criador de *Casa-Grande e Senzala*, utiliza-o para evocar os mineiros a realizarem seu ofício político em prol do país.

Sob o título “Ordem, liberdade, mineiridade”, discorreu sobre o papel político dos mineiros naquele instante. (...) Através da mineiridade, isto é, da tendência a transgredir e a vencer os antagonismos, os mineiros poderiam contribuir para conciliar a “liberdade das pessoas com a ordem da sociedade”. Propõe um programa de reconstrução social, acenando com flexível planejamento democrático, capaz de incorporar valores econômicos e tecnológicos e o que chama de valores “pessoalmente culturais”, como atividade artística, religiosa, intelectual, recreativa (Freyre, 1946, p. 46).



Este pensamento é ratificado por Lima (1983, p.124) que em sua obra, discorre com seu entendimento sobre a mineiridade:

A Minas cabe, pois a missão de preservadora do passado, de reformada das influências cosmopolitas que vão levando o Brasil para o indistinto ou a servidão moral e finalmente de compensadora de todos os desequilíbrios extremistas (...) está naturalmente fadada a ser o centro de gravidade do Brasil (...) é a montanha, é o Centro, é o ímã que atrai os brasileiros de todas as regiões (...) aquele sortilégio afetivo, que o clima de Minas, o silêncio de suas cidades, o ritmo tranquilo de sua vida, a hospitalidade do seu coração e a palpitação humana de suas inteligências derramam em todos os corações.

2 O MODUS OPERANDI MINEIRÊS

Minas teria como sacramentada a missão de preservação e ponderação diante de um discurso conservador, algo intimamente ligado a uma necessidade estatal de coerência interna nos mecanismos de direção políticos.

Percebemos então uma visão romantizada do povo mineiro como centralizador de atributos como: simplicidade, amparo, família, hospitalidade, afeição, tranquilidade, moderação e por fim estabilidade.

Devemos ter o cuidado de não confundir a identidade pessoal e a social pois, segundo Machado (2003), a identidade pessoal se refere à uma dada vivência particular e própria do sujeito, em diversas fases de sua vida.

Em sua percepção, Andrade (2010) defende que a identidade em uma sociedade é uma representação, que sintetiza um conjunto de emoções que tornam o indivíduo parte integrante de um território, atuando como um discurso elaborado para homogeneizar uma população, padronizando as diferentes identidades em uma mesma intenção política, construída por grupos que possuem interesses em estabelecer sua visão ideológica, abarcando as identidades sociais e culturais (Bicalho *et al.*, 2024b).

Para a melhor compreensão das demandas relacionadas a construção de um discurso de mineiridade e suas intencionalidades, é importante considerar que esse emblema possui um repertório e um propósito em um dado modelo de república federativa. Colocar-se então a mineiridade como uma identidade regional, que é promovida e remodelada por vezes no imaginário social, sem precisar estar em oposição a realidade (material) mas compõe com ela uma relação complexa na qual estimula e confere intengibilidade.

Para o entendimento das questões relativas a mineiridade e sua produção é necessário considerar que o socialmente instituído tem história e propósito. A mineiridade como uma identidade cultural, especificamente regional, que inserida no contexto de um estado-nação que opera no modelo de república federativa é recente do ponto de vista histórico e é promovida e remodelada por vezes no imaginário social. Neste caso, o imaginário social não está em necessária “oposição a realidade (material) mas compõe com ela uma relação complexa na qual dinamiza e confere inteligibilidade” (Castordialis *apud* Ramalho, 2006).



Diante disso, considera-se o questionamento sobre o ser social respaldado por Stuart Hall, buscando entender a especialidade de Minas Gerais ao longo de sua história, o que ajudaria na captação do fenômeno da mineiridade e como ela é expressada. Para Hall (2006), os sujeitos no decorrer de suas histórias, interagem com diversas sociedades, produzindo uma tensão nas identidades modernas, acarretada em consequência de mudanças estruturais.

Existiriam assim para Hall (2006) três identidades básicas de sujeitos históricos: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o pós-moderno, este último permeado pela crescente globalização. O indivíduo pós-moderno, originário a partir da segunda metade do século XX, não possuiria uma identidade permanente, visto que para este estudioso, as identificações na pós-modernidade estão sendo colapsadas por profundas alterações estruturais e institucionais.

Elaborar uma conexão complexa que fomente sentido de realidade e uma oração unificada e também unificadora do modo mineiro de ser, traz elementos ideológicos associativos, segundo Arruda (1990), como: a vida rural, morosidade, conservadorismo e mansidão, e o caráter reservado.

Entende-se que a percepção cultural da mineiridade sobrevém da sua suposta capacidade de intensificar ambientes de sociabilidade e convivência, e também como manifestação de pertencimento a um modo de vida de um determinado povo, que promove um referencial de sentimentos e também de identidade institucional.

A essa combinação de tradições, valores e costumes, pactuou-se denominar como “mineiridade”, e diversos autores ainda a debatem quais seriam suas principais definições. Como bem cita Carvalho (2005), em uma fala de José Carlos Reis: “Não há uma voz de Minas. Há muitas Vozes, alguma dissonantes: o Triângulo, o Centro, o Sul. O Norte, a Mata. Minas é polifônica.”

Stuart Hall (2006), percebe a identidade cultural como uma essência no indivíduo, pois, não importaria quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, visto que uma certa cultura territorial busca unifica-los em uma identidade cultural, para representa-los como um todo pertencente à uma mesma e grande família diferenciada.

3 EM UM MAR DE TRADIÇÕES

Foram encontradas variadas publicações sobre cultura social mineira, diversas pesquisas pelo país, com vários estudiosos das áreas historiográficas, sociológicas e antropológicas percebendo sua intensidade como fator social, político e histórico, que traz atrelado uma mistura de anseios e emoções proferidas em histórias vividas e principalmente sentidas, em um viés político e social, muitas vezes voltado para um contexto agrário e rural, com certa oposição ao tempo moderno, já que o progresso é percebido como antirural, urbano, individualista e contrário a hábitos culturais.



Ramalho (2014) percebe o aspecto moderno da mineiridade como uma investida a uma atuação de “essencialismo identitário”, onde se preocupa com a manutenção de uma tradição que se preocupa com a coesão grupal e a perpetuação de um conjunto de regras ordenadora para todos os mineiros, que é ao mesmo tempo rigorosa, mas também flexível para a sua utilização em diversas questões políticas.

Esse essencialismo apresentaria para Ramalho (2014):

(...) um conjunto de regras físicas, psicológicas e sociais, o qual se manteria inalterável ao longo da história e formaria o “caráter coletivo” de um povo. Nesse sentido, a mineiridade seria algo já acabado, finalizado, não passível de movimento e, portanto, apto a ser descrito desde um ponto de vista externo e objetivo. Caberia ao interprete fixar, por meio da observação direta e/ou pela análise das fontes históricas, os elementos psicossociais que constituiriam a “essência” comum que distinguiria os mineiros do restante do país.

Percebe-se fortificado que diferentes forças de representação da mineiridade sempre envolvem uma representação estereotipada, que incorpora certos atributos, como: sossegado, acanhado, reservado.

Esta acaba sendo uma visão incompleta do povo mineiro, pois assim como o território de Minas Gerais, sua população é diversa e complexa. Sendo assim estabelecer um arquétipo social do mineiro é uma tarefa que exige empenho e valorização do passado tradicional.

Como muito bem escreve Alencar (1960, p.32), acerca da visão cultural e política do mineiro pelos brasileiros:

O mineiro, filho das Alterosas, dessa região montanhosa cheia de depósitos minerais e vicejantes pastagens de gado, é sempre descrito como um tipo calado e desconfiado, introvertido e austero, mas hospitalar, inteligente e bom; ele foi e continua sendo figura de primeiro plano na vida política e cultural do país.

Dias (2011) saliente que, o aspecto geográfico é um forte fator cultural do municipalismo, visto que por conta da sucessão de montanhas, os municípios adquiriram a consciência de pertencer a uma comunidade de origem, criando a imagem habitual de filho deste ou daquele município. O historiador Torres (1944) em sua obra já aspirava desse pensamento relatando sobre as interações psicológicas e sociais devido à presença de áreas montanhosas em Minas Gerais. Algo como um determinismo geográfico que percebia este Estado brasileiro como um centro que resguarda tradições, que dificultaria as ações de movimentos radicais. Afirma ainda que:

O mineiro é silencioso, sóbrio e tradicionalista, é tolerante e comedido, sabe respeitar e exige respeito; reconhece uma “pessoa” em todas as coisas e exige ser tratado como sendo “pessoa” também. Sempre foi contra absolutismos e contra os extremismos: a realidade compõe-se de contrários que se equilibram.



Concorda-se com Reis (2007) na afirmativa de que, a mineiridade é um mito imaginário construído por uma elite política que, se apropriando de fatos históricos regionais e próprios da região mineira, torna essa identidade unânime para preservação e manutenção de poder e privilégios.

Esse pensamento é importante, segundo a estudiosa devido ao contexto político-social da proclamação da República, que trouxe a necessidade de desenvolver uma identidade nacional, e nessa busca procura-se por heróis nacionais, o que dá ao personagem mineiro Tiradentes uma notoriedade de capacidade de unificar toda uma nação, entrelaçado com a necessidade de legitimar o poder por parte de classe dominante e oligárquica, com um discurso de fraternidade e valores tradicionais de marcante religiosidade.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Para a realização desta pesquisa, recorreu-se a um conjunto de obras e estudos de relevância significativa, produzidos em diferentes momentos do século XX, que têm como foco central a mineiridade enquanto categoria cultural e identitária. A seleção dessas referências buscou contemplar distintas perspectivas teóricas e metodológicas, de modo a oferecer uma compreensão mais ampla e aprofundada sobre as representações, transformações e permanências que constituem o imaginário mineiro ao longo do tempo. Assim, a utilização desses trabalhos contribuiu para o enriquecimento do arcabouço conceitual e analítico desta investigação, consolidando uma base sólida para a reflexão proposta (BICALHO et al., 2024ac).

Vale a pena citar algumas, como: jornais impressos e periódicos eletrônicos, também revistas, livros e sites com conteúdos audiovisuais e produções acerca do tema, onde se poderia perceber a mineiridade como influenciadora de diversas lutas histórico-estruturais. Ou seja, estudos que agregassem uma maior abertura de diálogo sobre o assunto como um fenômeno que merece ser analisado, entendendo esta importante e complexa invenção cultural de um imaginário coletivo.

Busca-se a preocupação de proporcionar, por meio de um exercício de crítica historiográfica, como tal noção de mineiridade é construída e reapropriada nas atuações políticas nas últimas décadas. Também se preocupou entender o prestígio da mineiridade como um singular e eficaz artifício na prática cultural-política com diferentes extensões e seu uso como modelador sócio-políticos em interesses econômicos.

Como metodologia, pretendeu-se utilizar a análise do discurso, visando decodificar textos em sua conjuntura sócio-cultural-política que o discurso pretende refletir. Acredita-se que esta permite uma análise das condições históricas e ideológicas na qual o discurso foi pensado, e assim interpretar atitudes e construções de sentido. O diferencial de um método de pesquisa qualitativa está em permitir imersões e observações nas inter-relações dos indivíduos envolvidos.

A importância deste estudo está justificada em relacionar o conceito de cultura mineira como um construtor de civilidade política, percebendo como fomentador de identidade regional mineira em sua



população, pretendendo-se entender as representações da realidade e seu contexto na mineiridade em uma atuação política. Ao se relacionar o conceito de mineiridade em um imaginário, busca-se perceber tais agentes como principais construtores de sua própria história.

Essa narrativa tende a construir e reelaborar características de uma suposta história comum na qual se promove um discurso emblemático, que estimula o imaginário social. Tem se então uma perspectiva de construção do “ser mineiro” com funcionalidade identitária e política.

Sua utilização não é inofensiva, pois suas interpretações funcionam como recursos de legitimação das relações de poder por meio de uma perspectiva regionalista, que se confunde com uma dada realidade histórica da unidade federativa de Minas Gerais, sustentada por uma organização mística que alicerça o mito da mineiridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que são muitos os desafios em estudar a mineiridade, ainda mais atrelado as especificidades das relações políticas, que sempre acabam seguindo determinadas questões basais, o que torna perceptível em certas discussões políticas tanto em Minas Gerais como no Brasil, por meio de propostas que trazem reflexões entre os envolvidos, que resgatam lembranças e figuras históricas com apontamentos de coesão cultural e regional. Nesse entendimento, passamos por costumes, valores e práticas que seriam alegadamente compartilhados em um dado ambiente político por esses indivíduos, o que transpassa o enigmático sobre a questão identitária que se preocupa em compreender.

Para Hall (2006), o meio aplicado para enlaçar os modos de vida e os fatos históricos e transformá-los em sentido para uma comunidade é o discurso. Assim, faz-se necessário o empenho em produzir um discurso que pronuncie subsídios de identificação historicamente estabelecidos privilegiando uma identidade regional ou nacional e que principalmente, sentido os integrantes desta sociedade, gerando uma reflexão de forma continuada, possibilitando identificações e caracterizações dos mineiros, mostrando a seiva do imaginário na composição de uma emblemática realidade.

Nesse contexto atual, o indivíduo pode assumir diferentes identidades a depender da situação, podendo ser contraditórias, dependendo das articulações sentimentos necessários uma dada conjuntura cultural de relacionamento. Tem-se a opinião de que o pertencimento de um sujeito a uma dada identidade cultural é intensificado com as tradições, a religiosidade, o modo de falar, e hábitos musicais, oriundas da sociedade onde vivemos.

Sabe-se que o conceito de identidade é suficientemente complexo, visto que não é algo fixo e imutável, imune a reflexões e contestações, o que impede de se formular uma definição que abarcasse todas as particularidades deste conceito (Bicalho *et al.*, 2024a). Sendo assim, o presente trabalho analisa discurso e poder, como um sustentáculo para o entendimento do que são similitudes culturais e como a mineiridade



se encaixa nesta dada qualificação, concisa em uma atuante descrição historiográfica rica em estudo e em diversos aspectos culturais na atualidade, com variados agentes transmissores dessa cultura social, o que traz o desafio em uma tentativa de definir quais as especialidades psicossociais mais peculiares e genuínas que constituiriam a complexa política mineira..

Essa dita vocação política atrelada ao discurso da mineiridade, apresenta alguns enunciadores relevantes em sua confecção dada essa realidade mítica, de grande importância para a historiografia, confrontada com inspirações do imaginário social e ações políticas na conjuntura de Minas Gerais, que molda o sujeito a ela em um desdobramento mais específico, em uma dada comunidade simbólica onde se assume um sistema de atitude cultural tão natural e consistente de um fenômeno identitário apropriado que suporta amplo significado estrutural.

A mineiridade como construtor de identidades, apresenta-se em seu conjunto, atitudes pensadas e realizadas pelo que influenciaram o imaginário regional e nacional, visto a orientação, planejamento e execução de práticas políticas e culturais na região, onde assume-se um projeto de discurso que se utiliza de representações e símbolos que se tornam dispositivos de intencionalidade que legitima e suporta as estratégias, influenciando uma dada união grupal e a permanência de uma história central comum ao povo mineiro, porém que também deve ser flexível para sua utilização na sustentação de certos quadros políticos.

Demonstra-se então como necessário a promoção de construções que desempenhem o papel de trazer o indivíduo em uma dada manutenção de três pilares: território, população e liberdade, onde a identidade busca-se legitimar como referência, por meio de condições estruturais de reflexão buscando integrar pessoas por mais diferentes que possam parecer.

Tomou-se na elaboração da presente pesquisa o pensamento de Machado (2003) defensor de que formar a própria identidade é um ato muito inspirador, visto que é preciso distinguir o equilíbrio entre o que realmente somos daquilo que os outros esperam que signifiquemos, pois é na interação com o outro, com o diferente, que nos enxergamos.

Este pesquisador partiu do entendimento do termo mineiridade como uma expressão que traz o enunciado de adesão e fraternidade em conjunto com uma determinada época do Estado de Minas Gerais, que a destacou em um dado momento nacional. Seus principais significados estariam relacionados com o contexto político em que foram criados, em uma perspectiva de identidade sociocultural.

Concorda-se com o pensamento de Lima (1996, p. 215) de que não podemos deslembra da imagem de Minas Gerais como relevante no imaginário de agregador nacional, atuando como uma espécie de centro político e geográfico do país, possuindo uma afeição à terra, à paisagem e as tradições locais. Atrelado a isso temos a ideia de uma habilidade política nata do mineiro, percebido, segundo Arruda (1990), como ajustado conciliador que atua com equilíbrio, bom senso e valorização da estabilidade.



Acreditou-se na acepção na qual a identidade gera pressentimento de vinculação de determinado indivíduo a grupos e comunidades assegurados por perspectivas culturais, simbólicas e enunciativas e de representações ao redor, além do fortalecimento de sua credibilidade cultural diante de a outras coletividades. Observa-se a existência de uma suposta essência de Minas, comum e fundamental na percepção pela população, uma certa conduta que apresentaria vestígios desde as origens do Estado de Minas Gerais, que se mantém constante, porém com certas mudanças consideráveis, necessárias para sua permanência.

Por fim, considera-se que Minas Gerais com sua mineiridade engrandece uma definição cultural em um contexto político e social, pois percebe-se em seus elementos institucionais, símbolos, conquistas e historicidade, um constante e expressivo orgulho cultural mineiro, seja direto ou indireto.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Heron de. "Minas Gerais". **Verbete do Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega Porto.** Figueirinhas, 1960.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Mineirice-mineiridade-mineiriana. Suplemento Literário. **Belo Horizonte.** v. 9. N. 405. 1974.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia e Mineiridade.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

BICALHO, L. M. A.; ALVES, L. F. S. “O meu nome é Cu-ne-gun-des!”: identidade, poder e gênero em *Êta Mundo Bom!* (2016). **Ciência da Informação em Revista**, v. 11, p. 1–12, 2025.

BICALHO, L. M. A.; ALVES, L. F. S.; LOPES, A. P. O.; ROCHA, V. T. R.; MEDEIROS, D. O. Quando a fé cega: banalidade do mal e a dominação carismática no caso de João de “Deus”. In: SANTOS, Ednan Galvão; GALVÃO, Karine Chaves Pereira (Org.). **Ciências humanas e sociedade: estudos interdisciplinares.** 1. ed. Paraná: Aya, 2024b. v. 4, p. 11–185.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, L. F. S.; MARQUIOLI, S. R.; SALES, J. F.; RAMOS, D. S.; AFONSO, S. O.; SANTIAGO, I. F.; MEDEIROS, D. O. A máscara da esperança: discurso bolsonarista e a persistência do poder colonial. In: MELLO, Roger Goulart (Org.). **Direito e sociedade: diálogos entre pesquisa e atuação.** 1. ed. Rio de Janeiro: E-Publicar, 2024a. v. 2, p. 420–431.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís. Fernando de Souza; FREITAS, Andréia. Luciana Ribeiro de; PEREIRA, Ester Liberato. O filho que foi pai: memórias e xadrez na cidade de Montes Claros/MG na década de 1980. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 27, 2024. DOI: 10.5216/rpp.v27.79985. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/79985>. Acesso em: 31 out. 2025.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; VIEIRA, Guilherme Carvalho; SILVA, Brenda Vitória Alves Rodrigues da; SALES, Jéssica Fagundes; LOPES, Ana Paula Oliveira; ARAGÃO, Sarah Carine Gomes; SILVA, Lílian Soares; PINTO, Maria Marta da Silva; MOURA, Fábio Natan Leal; MARQUES, Henrique Petrucci. “Eu não costumo perder, meu bem”: Odete Roitman e as tensões da liderança feminina na sociedade patriarcal. In: **Estudos em Ciências Humanas e Sociais.** 1. ed. Curitiba: Aurum Editora Ltda, 2025. p. 188–202.

COSTA, Fernanda Miranda Alves; NARCOLINI, Miraldo José. A representação da mineiridade: o corpo e o galpão das Gerais. **VI Enecult: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, Salvador, 2010.

DIAS, Fernando Correia. C. Mineiridade: construção e significado atual. **Ciência**, v. 13, n.1, 9 de jun. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas:** ensaio de sociologia regional. 2^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **Ver. Adm. Contemp.**, Curitiba, v. 7, n. spe, 2003.

REIS, Liana Maria. Mineiridade: identidade regional e ideologia. **Cadernos da História.** Belo Horizonte. Volume 9. n°11. p. 89-97. 1ºsem 2007.



TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha:** Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944.